



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8422 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**LIVROS DIDÁTICOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES: LINHAS DE UMA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA MENOR**

Sandro Prado Santos - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

Elenita Pinheiro de Queiroz Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLANDIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

**LIVROS DIDÁTICOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES: LINHAS DE UMA EDUCAÇÃO EM BIOLOGIA MENOR**

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.

É um olhar para baixo que eu nasci tendo.

É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me criei tendo.

O ser que na sociedade é chutado como uma barata – cresce de importância para o meu olho.

Ainda não entendi por que herdei esse olhar para baixo.

Sempre imagino que venha de ancestralidades machucadas.

Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão –

Antes que das coisas celestiais.

Pessoas pertencidas de abandono me comovem: tanto quanto as soberbas coisas ínfimas.

BARROS, Manoel de. *Retrato do artista quando coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

### Fluxos inventivos...

O que nos moveu nesta escrita esteve (e está) ligado a inquietação sobre os modos como livros didáticos (LD) de biologia, usados no fazer pedagógico contemporâneo, foram e têm sido apontados, em muitos textos da área, como um *lócus* privilegiado de produção e apresentação de um caminho único aos gêneros e às sexualidades[1]. Nestes textos é afirmado que tal caminho é caracterizado pela localização e afirmação de certezas, verdades e sentidos postos pelo discurso biomédico. Dentre estes textos localizamos, inclusive, alguns de autoria de pesquisadoras de nosso grupo de pesquisa[2].

No entanto, em pesquisas em andamento, inclusive aquelas ao qual este trabalho está associado, contando com financiamento do CNPQ, e também inspirados nas produções poéticas de Manoel de Barros, temos encontrado algumas pistas de discussões de gênero e sexualidade em diferentes textos e narrativas que compõem LD de Biologia, aprovados na

edição do Programa Nacional de Livros didático – Biologia – Ensino Médio –PNLD 2018 que apontam para lugares distintos do caminho único e da universalidade de um único caminho do gênero e da sexualidade. Tais pistas seriam fontes potentes para produção de práticas educativas outras - comprometidas com modos singulares de expressões de gênero e sexualidade no plural? Quais linhas de continuidades e fissuras com os gêneros e as sexualidades são acionadas nas obras didáticas de Biologia aprovadas e distribuídas em escolas públicas brasileiras pelo PNLD/2018?

Com estas duas questões, trouxemos aqui traços de alguns desafios que temos nos colocado em pesquisas que estamos tecendo e acompanhando: uma mais ampla, por meio da qual, está atrelada um estágio de pós-doutoramento. Em rede, puxamos fios e tecemos uma teia que é constituída pelos registros dos movimentos e discussões de gêneros e sexualidades em LD de Biologia. Interessa-nos as fissuras, os movimentos produtivos de ecos da educação em biologia em multiplicidade, de ditos de lugares *des*-conhecidos, forjados por gente da Biologia, da educação em biologia e de outras c(C)iências, e, pelas potencialidades de inventar outras educações e sentidos na/para a escola. Nos desafiamos ao exercício inventivo do que estamos dizendo como educação em biologia *menor*, a partir de uma leitura de LD.

### **Gêneros e sexualidades: arquitetando territórios na Educação em Biologia**

No campo da educação em biologia, consideramos gênero e sexualidade como dispositivos (FOUCAULT, 1979) que tecem, coletivamente, uma rede complexa de signos linguísticos e práticas semióticas-materiais (HARAWAY, 2017) que constituem e organizam os arranjos de práticas educativas, curriculares e formativas, produzindo-o enquanto territórios que funcionam e co-existem entre planos: de um lado, as superfícies de estratificação e normalizações, e, por outro, o plano no qual elas resistem, conectam, rizomatizam, criam e fluem como campos intensivos.

Com a produção de Deleuze e Guattari (2015) - “*Kafka: por uma literatura menor*”, vimos que as línguas *maiores* são marcadas por linhas de variações contínuas e por usos *menores*. Com os autores foi possível produzir outras perspectivas, perguntas e modos de pesquisa em educação. Gallo (2016) a partir da obra referida, realiza o deslocamento do conceito de *literatura menor* para o de *educação menor*. Ele nos inspira a outro deslocamento: pensar a *educação em biologia menor*. Isso nos permite buscar rastros, vestígios da invenção dos gêneros e das sexualidades nos LD de biologia.

A educação em biologia *maior* é implicada com a homogeneização, a binarização, a totalidade orgânica, a constâncias e universalizações. A educação em biologia *menor* é resistência e recusa. Apresenta aberturas, ramificações, linhas de fugas, novos encontros. Explode-se em heterogeneidades e multiplicidade de vozes que não interditam as experiências vividas; não restringe os gêneros e as sexualidades às genitálias.

### **Livro didático de biologia: rizomatizações, cartografia e as pequenas redes**

O LD é visto como espaço-tempo de múltiplas conexões e alianças com diferentes ações, práticas de docentes, estudantes, gestores/as, instituições, documentos, políticas, movimentos sociais. O livro co-existe com processos em permanências e mudanças que carregam des-continuidades, nos remetendo aos princípios de um *rizomorfismo* - termo de Deleuze e Guattari (2011). No platô “*Introdução: rizoma*”, Deleuze e Guattari (2011) nos apresenta que um livro:



Gallo (2014).

no mapeamento dos Id, as pequenas redes ocupam uma linha minúscula, quase invisível. reivindicam um existir de outro modo. um mínimo de exercícios que insurgem em outros modos de existências. a reprodução, as bases citológicas, o sistema genital, a herança mendeliana, as tecnologias reprodutivas, o sexo e a saúde do/da menino/a foram colocados em conexões incessantes com outras territorialidades e a solidez, a clareza dos contornos da universalidade do organismo bio-lógico e a fixidez dos gêneros e das sexualidades se dissiparam, dando lugar a outros territórios. a primeira afirmação é que não há um único modo de existência aos gêneros e as sexualidades que povoam os Id, como também não existe um único território na educação em biologia. o que chamamos de educação em biologia é, de fato, o lugar de vários territórios, de um emaranhado de planos.

há planos de hierarquias em que as existências são bem definidas e esquadrihadas por meta-narrativas - deterministas, essencialistas, binárias -, grandes regimes discursivos que instalam o gênero e a sexualidade, e, assim, organizam e fazem funcionar modos de vida. linhas mestras que criam e fazem um modo de organização *maior* da educação em biologia, por meio da qual, instala existências de gêneros e sexualidades mais autênticas do que outras - as legítimas, essenciais e válidas. maravilhosamente, os corpos, os gêneros e sexualidades escapam! ao escaparem existem e resistem à organização, a binarização criam outros territórios. o escape funciona como potência na biologia *menor*. esta *biologia* reinventa alternativas, apresenta o clássico da biologia por outras vias, desprende-se das amarras e das ilusões de fazer figurar a vida em um único tom.

escapes imanentes e co-existentes a territórios. não há um só deles. uma/um educadora/or em biologia menor é, antes de tudo, um/a ativista, que permite proliferar vida. ela/e é acompanhada e carregada de nuvens de possibil(intens)idades. educação e ativistas que seguem re-existindo. nos escapes há aberturas desenhadas por ininterruptas experimentações de gêneros e sexualidades; são mínimos. por isso atenção, mínima. temos aqui, elementos que empurram para fora dos planos territoriais da Biologia; para fora dos pressupostos e das afirmações *maiores* que bloqueiam funcionamentos *menores*.

### Considerações

manoel de Barros (1998) nos interpelou a continuarmos ativando as educações em biologia; a arquitetar territórios e riquezas menores. temos experimentado pensares *menores*. ainda compartilhamos a educação em biologia maior que nos assombra. temos procurado fazer furos nela e aprendido com os segredos e as surpresas do que experimentamos quando nos desviamos ou vemos coisas ínfimas; temos aprendido com a biologia *menor*. continuaremos com as travessuras de mapear linhas e movimentos que fissuram os totalitarismos e os usos dos saberes *maiores* nos territórios da educação em biologia.

**Palavras-chave:** Livros didáticos. Gêneros. Sexualidades. Educação em biologia *menor*.

### Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Introdução: rizoma. In: \_\_\_\_\_. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia, v.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 17-49.

\_\_\_\_\_. **Kafka:** por uma literatura menor. Tradução Cíntia Vieira da Silva. 1.ed. Belo

Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GALLO, S. mínimo múltiplo comum. In: RIBETTO, A. (Org.). **políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014, p. 20-33.

\_\_\_\_\_. **Deleuze & a Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

HARAWAY, D. Raça: doadores universais em uma cultura vampira. Tradução: Sandra Azeredo. In: LESSA, P.; GALINDO, D. (Orgs.). **Relações multiespécies em rede: feminismos, animalismos e veganismo**. Maringá: EDUEM, 2017, p. 47-94.

PRADO-FILHO, K.; TETI, M. M. A cartografia como método para as Ciências Humanas e Sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, jan./jun. 2013, p. 45-59.

---

[1] Conceitos no plural, uma vez que reconhecemos que as sexualidades e os gêneros se constituem numa polifonia de experiências possíveis.

[2] Trata-se de teses, dissertações, trabalhos apresentados em eventos acadêmicos orientados, co-orientados, de autoria ou em coautoria com uma das autoras do presente trabalho. Não estão referenciados para não configurar quebra de anonimato.